



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^º EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

O que irá proteger as mulheres negras? Uma análise dialógica do curta metragem Corrosão

Denise Caroline de Souza*. Pós-Graduanda (PG). *ddenisecaroline@gmail.com

Palavras-Chave: Análise Dialógica do discurso; Ensino de Química; Educação Antirracista

Área Temática: Diversidade, Inclusão, Saberes e Culturas

Resumo: Este trabalho tem como intuito realizar uma análise dialógica-discursiva do curta-metragem *Corrosão* (2023) – dirigido e roteirizado por Megalyn Ann Echikunwok, mulher negra norte-americana, aqui considerada autora-criadora – ancorado nos pressupostos do Círculo de Bakhtin acerca da linguagem e nas contribuições de intelectuais negras, como Conceição Evaristo. Nos orientamos pelo questionamento: O que irá proteger as mulheres negras? A metáfora da corrosão é mobilizada para problematizar a condição de mulheres negras na sociedade e a responsabilidade da Educação e da Ciência diante desse cenário. Para tal, acompanhamos a trajetória de Gemina May, uma escritora negra que enfrenta as consequências de uma violência obstétrica e inicia um processo de “corrosão” – físico e metafórico – interrompido apenas quando ela retoma a escrita, aqui compreendida como prática peculiar, mas social e política. Por fim, almejamos que essas reflexões, articuladas ao debate sobre a construção do conhecimento científico e o racismo científico, contribuam para pensar novas formas de ensinar química, especialmente a partir de uma perspectiva antirracista.

GEMINAR: INTRODUÇÃO

A produção artística tem desempenhado um papel crucial na construção e representação de diversas realidades sociais e culturais. O curta-metragem *Corrosão* (2023), dirigido e roteirizado por Megalyn Ann Echikunwok – mulher negra norte-americana, filha de pai nigeriano e mãe indígena norte-americana –, insere-se nesse cenário como uma produção singular. A obra se destaca pela crítica à condição das mulheres negras, ao abordar o desamparo, o silenciamento, as violências e, ao mesmo tempo, as superações e potencialidades dessas mulheres, sobretudo por meio da escrita.

O enredo do curta-metragem em questão acompanha Gemina May, uma escritora negra que, após perder sua filha durante o parto, passa a vivenciar visões que a atormentam. Essa narrativa traz à tona uma questão central: O que irá proteger as mulheres negras? Essa pergunta orienta também este artigo, que busca associar a análise do curta metragem à reflexão sobre experiências de mulheres negras na Educação e na Ciência. Defendo que produções de mulheres negras – literárias, artísticas e científicas – devem ser reconhecidas como produção de conhecimento legítimo, e podem apresentar pistas para (re)pensar o ensino de Química em uma perspectiva interseccional.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44^º EDEQ - 4^º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Dito isso, este estudo tem como objetivo analisar dialogicamente o curta-metragem *Corrosão*, investigando de que modo sua diretora (autora-criadora) utiliza estratégias dialógicas para expor questões relacionadas à condição das mulheres negras contemporâneas. Ao mesmo tempo, buscamos explorar como tais narrativas podem ser mobilizadas na Educação Química, seja por meio de metáforas ligadas aos processos de transformação da matéria, tais como a corrosão, metáfora que serve como fio condutor, seja como estratégia pedagógica crítica, antirracista e interseccional.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este artigo se enquadra nas pesquisas definidas como qualitativas. Nessas, a questão central são as múltiplas interpretações que podemos fazer de um fenômeno ancorados em um referencial teórico, por meio de métodos diversos, porém que se articulam com o contexto e objetivos almejados (Flick, 2009).

O *corpus* do estudo foi enunciado fílmico o curta metragem *Corrosão*. Esta produção está disponível no site *streaming Netflix*, com duração de 20min. Reconhecemos a limitação de se analisar um enunciado fílmico que está na dimensão tridimensional para o papel que se encontra em duas dimensões, assim com intuito de amenizar esse limite, trabalharemos com a exposição de imagens – capturas de tela instantâneas – e a transcrição dos diálogos (aqui no sentido de fala dos personagens mesmo).

Para a análise do presente estudo, adotou-se a Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme proposta por Beth Brait, fundamentada na perspectiva bakhtiniana. Essa abordagem permite compreender como sujeitos constroem sentidos por meio da linguagem, considerando as múltiplas vozes, relações sociais e contextos culturais presentes nos enunciados (Brait, 2005). Não se trata de um método rígido que tem etapas em sequencial a serem seguidas, porém existem alguns critérios que podem servir como uma guia, assim o processo analítico consiste em: a) leitura imersiva do corpus (assistir o curta metragem por diversas vezes); b) identificação de enunciados considerando as relações dialógicas presentes e; c) análise das relações dialógicas ancoradas no contexto social, histórico e cultural, bem como em referenciais teóricos.

Essa metodologia permite uma compreensão crítica da produção, destacando as múltiplas camadas de sentido e as relações dialógicas presentes, e permitindo inferências em relação a situação de mulheres negras na sociedade, e a campos específicos tais como a ciência e educação.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

A CORROSÃO DE GEMINA: NATUREZA DA CIÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA DOR NEGRA

*Eu me transformo em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento
Eu me transmuta em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento
Eu me descubro em outras, determinados momentos
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento*
Itamar Assunção

As primeiras palavras ditas por Gemina são: “*Eu não estou conseguindo respirar*”, palavras emblemáticas para o movimento negro e/ou todos que acompanham o nosso genocídio, que no século XXI é filmado, compartilhado e viraliza. Essas palavras repercutiram após o assassinato de George Floyd que mobilizou protestos pelo mundo inteiro, impulsionado especialmente pelo movimento intitulado *Black Lives Matter*¹.

A primeira sequência de cenas tem início em uma sala de hospital durante o parto “normal” forçado à protagonista. Nesse momento ela está envolta de pessoas que negam e/ou menosprezam os sentimentos e sintomas expressados pela paciente, que é acusada de ser (im)paciente. Observa-se que não há alguém que a acompanhe – mãe, companheiro ou mesmo um profissional que ousa interferir no que o protocolo estabelecido como “normal” está em curso. Apesar de um quarto lotado, é gritante a sua solidão, frente a um momento tão vulnerável. Como resultado: um natimorto. A menina negra, filha de Gemina, não teve o direito de respirar sequer uma vez, não germina.



¹ *Black Lives Matter* é um movimento ideológico e político que visa criticar o extermínio sistemático e intencional de corpos negros.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química



Figura 1: O início da corrosão de Gemina²

Na Figura 1 vemos o início do processo de corrosão – metafórico – de Gemina. A perda de sua filha durante um parto faz com que essa personagem de deteriore física e mentalmente, enfrentando obstáculos reais e imaginários promovidos por agentes externos. O que nos leva ao título do curta metragem aqui analisado, Corrosão (original *Weathering*). Cientificamente a corrosão pode ser definida de uma forma geral como

A deterioração de um material, geralmente metálico, por ação química ou eletroquímica do meio ambiente aliada ou não a esforços mecânicos. A deteriorização causada pela interação físico-química entre o material e seu meio operacional representa alterações prejudiciais indesejáveis, sofridas pelo material, tais como desgaste, variações químicas ou modificações estruturais, tornando-o inadequado para o uso (Gentil, p. 1, 2007).

De forma metafórica e análoga, as mulheres negras, historicamente nomeadas como “resistentes/fortes”, são corroídas pela pressão estrutural do racismo, patriarcado e classismo na sociedade contemporânea, mas que tem suas raízes fincadas na construção da ciência e no racismo científico. Neste trecho tomamos como exemplo específico desta contribuição a situação específica: a violência obstétrica sofrida por mulheres negras.

Para problematizar tal situação com fatos, vamos a sua origem. A consideração de corpos negros enquanto humanos é algo particularmente recente. Seres humanos foram classificados em raças, seja por conta da cor da pele, dos fenótipos e/ou outras características. Cabe ressaltar que essa classificação serviu como base para a hierarquização entre pessoas que colocavam pessoas não-brancas como inferiores. A despeito de sua origem científica ou pseudocientífica, como a raciologia, esses pressupostos foram adentrando setores diversos da sociedade que se apropriaram de uma deste pensamento, e por consequência, passíveis de diversos tipos de exploração e subjugação, de forma peculiar a mulher negra (Goes, 2016; Munanga, 2004). Tomemos como exemplo o caso da violência obstétrica a elas infligida. A saber: a violência obstétrica.

A violência obstétrica de forma resumida, pode ser compreendida como retirada da autonomia dos corpos e dos processos reprodutivos de mulheres por profissionais de saúde, durante o período da gestação, do parto e do puerpério, incluindo a assistência ao aborto. Ao considerarmos que nem todos os corpos

² Captura de tela 0'22', 0'24', 0'37 e 0'39", respectivamente.

têm o mesmo valor na sociedade, essa violência pode tomar proporções desiguais para grupos vulneráveis social, econômico e racialmente (Curi *et al.*, 2020).



Figura 2: violência obstétrica um tipo de corrosão representada³

Na Figura 2, temos a representação da violência obstétrica sofrida por Gemina por meio de uma metáfora – que aparece em formato de visão – Gemina é convidada a entrar em uma sala com pessoas brancas, todas com indumentária médica, empolgadas, alheias a violência que ali aconteceria. Gemina encontra-se feliz, até perceber que ela será o próprio banquete, sofre a angústia de se enquanto um animal pronto a ser servido, mutilado, ainda em vida, porém sem a capacidade de conseguir se autoajudar, impotência e um sentimento de não ser humana a invade. Essa cena aqui representada pela autora-criadora, não tem como intuito apenas representar um caso específico, mas sim reverberar um acontecimento social e cultural que atinge (mas não só) mulheres negras contemporâneas, frutos do próprio desenvolvimento científico, especialmente da área das ciências médicas, a ginecologia.

A Ginecologia é área da medicina que tem como intuito cuidar da saúde reprodutora da mulher, com origem no século XIX, teve como um de seus fundadores o médico James Marion Sims, que para ganhar tal reconhecimento

³ Captura de tela 8'57", 9'06", 9'22' e 9'31", respectivamente.



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

utilizou como “cobaias” mulheres negras escravizada, diversas técnicas e procedimentos ainda hoje utilizados foram testados em jovens negras afro-americanas, sem nenhum tipo de anestésico ou qualquer outro tipo de cuidado, afinal acreditava-se que essas tinha tolerância fisiológica ímpar relacionada às pessoas brancas (Meinerz, Santos, 2023; Curi *et al.* 2020).

Em consequência, este meio que ainda (re)produz que mulheres negras são mais resistentes a dor, portanto, não necessitamos da mesma quantidade de anestésicos que mulheres brancas na hora do parto. Ademais, sendo as que mais são atingidas pela morte materna (aproximadamente 60% dos casos), assim como são as menos tocadas pelos profissionais de saúde para realização de procedimentos pertinentes ao pré-natal (Curi *et al.*, 2020). Em suma, práticas de discriminação racial mesmo com raízes no passado ainda refletem em práticas do presente. Sendo uma herança de uma ciência racista – afinal, é um construto humano, portanto, carrega em si questões ideologias e axiológicas – que ainda hierarquiza racialmente seres humanos. No trecho abaixo destacamos o diálogo entre Gemina que acabou de perder seu neném durante o parto e o médico branco, neste contexto representante do saber científico.

Médico Branco: Por isso destaquei a importância em se cuidar. Mulheres grávidas têm muitos sintomas

Gemina: Eu falei sobre os sangramentos, sobre a dor, e você não me ouviu...

Médico Branco: Seu trabalho é estressante, e viaja muito...

Gemina: Você ainda não me ouve... Eu disse que havia algo errado.

Médico Branco: Peço que mantenha a calma. Faltar com respeito não vai ajudar, Gemma.

Gemina: É Gemina!

Desta forma, percebe-se que em uma sociedade na qual o discurso científico é validado e apresenta um status social, pouco há o que se falar, a frustração de Gemina, é latente, não ser ouvida. Frente a esse cenário, podemos trazer o questionamento: O que irá proteger as mulheres negras? No decorrer da trama, Gemina passa a ser perseguida por uma pessoa ainda não identificada, sofrendo violências físicas, e ao mesmo tempo sendo desacreditada por pessoas próximas – toda essa dinâmica complexa a leva ao sofrimento latente, mas também a bloqueios em relação a sua profissão, de escritora. Ou seja, alguém que usa a linguagem – seja escrita ou oral – para sobreviver no mundo. Este bloqueio só irá ser vencido quando ela consegue encarar seu fantasma/algoz: si mesma.

ESCREVIVÊNCIAS: A ESCRITA COMO UM PROCESSO DE INIBIÇÃO DE CORROSÃO

O processo de corrosão pode ser reduzido ou mesmo eliminado por meio da utilização métodos de combate a corrosão, que podem ser: a utilização de

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química



inibidores, revestimentos protetores, limpeza ou mesmo a modificação no processo de produção de determinado material que atuam nos mecanismos de corrosão diminuindo a rapidez da reação (Gentil, 2007). De forma metafórica, podemos citar algumas formas de impossibilitar a corrosão dessa parte da população que compõem a base da pirâmide social. A saber: políticas públicas, incentivo a educação, mas aqui selecionamos em específico a escrita como um instrumento de resistência e cura. A escrita nas suas diversas formas – por ficção, narrativas, poemas, textos acadêmicos ou mesmo curta metragem, como o caso aqui escolhido, esse processo é representado na Figura 3.



Figura 3: a escrevivência como anticorrosivo da mulher negra⁴

O enunciado produzido pelo criador-autor (que também é uma mulher negra neste caso) se relaciona com outras enunciações de outras posições ideológicas e lugares sociais. Assim, uma obra não carrega em si uma realidade que jamais será neutra e/ou imparcial. Portanto, carregam em si semelhanças de sentires, pois este grupo, apesar de não hegemônico passa por vivências semelhantes, afinal essa produção é ancorada no contexto social e histórico que quem o produz vive. Esse fato não é novo, amplamente estudado por diversas áreas, porém a produção de enunciados artísticos por autora-criadoras negras pode almejar a busca de uma produção que busca contradizer e questionar a visão de mulheres negras (re)produzidas pela de forma hegemônica.

As palavras de Gemina, assim como as de autoras negras, não são apenas expressões individuais de uma vivência, mas coletiva. Acerca do corpo negro que narra/escreve sobre temos o posicionamento da intelectual negra Conceição Evaristo, a qual afirma que não há possibilidade na ruptura entre o

⁴ Captura de tela 17'29", 17'43", 18'03" e 18'20", respectivamente.



Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44ª EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

corpo/e o processo enunciativo, na Escrivivência. O conceito Escrivivência é um termo que evidencia que as vivências (atuais e antepassadas) são transformadas em palavras – escritas e/ou orais. Assim, a história de uma mulher negra, ou um grupo de mulheres negras pode ser utilizado para compreender a existência de todas as mulheres negras, pois essas apresentam uma história que se cruza em algum momento, acerca deste entrelaçamento entre a experiência e a produção de conhecimento a mesma afirma:

Aprendi com as culturas orais de matriz africanas que o corpo está profundamente escrito no processo de narrar. Sem o corpo não há narração, não há história. Da oralidade africana, da inscrição do corpo no narrado, intento criar, pensar, compor a minha Escrivivência. Afirmando que a vivência do meu corpo, a vivência coletiva de corpos negros e mais distintamente, as experiências dos corpos de mulheres negras, atravessam profundamente a minha escrita. Não peço licença para o meu corpo entrar, pois ainda não encontrei formas de me desvencilhar dele na escrita. Enquanto crio, enquanto falo, ou quando silêncio, sempre o meu corpo me persegue. Ele invade minha fala, assim como os corpos negros invadem lugares interditos, espaços delineados para e por homens brancos [...] e porque tantos corpos em nossa escrita, principalmente de mulheres? Pois precisamos nos enunciar sempre! E toda enunciação traz em si um corpo e esse corpo para nós não desassocia daquele que narra e o que esse corpo narra. O corpo enunciativo de quem narra, de quem registra a sua escrevivência, não distância do corpus que está sendo narrado, pois esse mesmo corpo enunciativo que pleiteia o direito de criar e contar histórias no corpus da escrita das mulheres negras pode ser apreendido um eu negro, sujeita mulher, metaforizando a luta contra autoria, autoridade falocêntrica e notadamente branca (Evaristo, 2019).

De maneira similar, a concepção de ideologia bakhtiniana é considerada como um conjunto de maneiras de interpretar a realidade que é adquirida pelos sujeitos por meio da consciência, que só é possível por meio de interações sociais com outros sujeitos. Assim, o enunciado, reflete e refrata ideologias que constituem o sujeito, que se forma no seio social e se constrói a partir deles. Isso reflete, afinal, o Eu reproduz uma determinada ideologia, que é ancorada em determinado contexto particular da sua existência. Mas também refrata, pois sua reprodução sempre será peculiar. Esta voz não é inata, mas sim constituída pela vivência e ideologia que esse assume. Mesmo sendo singular, esta é social, pois é formada pelas múltiplas interações sociais heterogêneas – oriundas da superestrutura e da infraestrutura – vividas pelo sujeito, não sendo nunca neutra. Assim, a necessidade de compreender os discursos presentes na voz de mulheres negras que estão sentindo, vivenciando e expressando a complexidade que a interseccionalidade pode ocasionar.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. A palavra é orientada pelo interlocutor, ou seja, é orientada pra quem é esse interlocutor: se ele é ou não integrante do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor (em termos hierárquicos), se ele tem ou não laços sociais mais estreitos com o falante (pai, irmão, marido, etc.) (Volóchinov, 2021, 204-205).

Neste cenário, pesquisas que apresentam como foco a narrativa de mulheres apresenta-se como uma formação deveras promissora. Estas possibilitam uma reflexão acerca do processo de construção do conhecimento, da subjetividade do sujeito e dos aspectos históricos e sociais que o circundam, pois ali transcende apenas a experiência pessoal do indivíduo, pois ele é idiossincrático e social. Ademais, nessas apresentam-se as estratégias e alternativas para superar os obstáculos oriundos dos processos de exclusão social.

Acredito que esta pesquisa contribuirá para a compreensão do papel de enunciados fílmicos (discurso) na construção de narrativas sobre a interseccionalidade vivenciada por mulheres negras. Além disso, espera-se que o estudo amplie as discussões sobre o uso de produções audiovisuais e ofereça novas perspectivas para o campo da educação em Química, especialmente no que tange a práticas de ensino comprometidas com a luta antirracista e feminista.

Para concluir, neste exercício de análise dialógica aqui posto busquei trazer luz a temática das violências sofridas por mulheres negras na sociedade brasileira, e como a compreensão da história da construção do conhecimento científico podem contribuir para o debate da temática. Como uma possível alternativa trazemos aqui a necessidade de se utilizar os enunciados – literais ou artísticos – especialmente produzidos por mulheres negras, como instrumentos para trazer à tona discussões a temática no campo da educação, em especial da educação científica.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2005.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química





Educação Ambiental em Diálogo com
Ensino de Química na Terra do Basalto
44º EDEQ - 4º Profquisul
NOVA PRATA/RS

CONCEIÇÃO, Evaristo. **Abertura da Escola Internacional de Feminismo Negro Decolonial 2019**. YouTube, TV UFRB, 2019. 1 vídeo (1h 23min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZHMf0FqqTkk>.

CURI, Paula Land; RIBEIRO, Mariana Thomaz de Aquino; MARRA, Camilla Bonelli. A violência obstétrica praticada contra mulheres negras no SUS. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, no. SPE, p. 156-169, 2020. DOI: 10.36482/1809-5267.ARBP2020v72s1p.156-169.

GENTIL, Vicente. **Corrosão**. 3. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1996. 345 p. ISBN 85-216-1055-6

GOES, Emanuelle. Racismo científico, definindo humanidade de negras e negros. **Geledès-Instituto da Mulher Negra**. São Paulo, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**, 2004.

VOLOCHÍNOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

APOIO

Sociedade Brasileira de
Ensino de Química

